

# CINEMA, EDUCAÇÃO E ANARQUIA LE CINEMA DU PEUPLE





**CINEMA, EDUCAÇÃO E ANARQUIA:  
LE CINÉMA DU PEUPLE.**

*A. Santos*

**CINEMA, EDUCAÇÃO E ANARQUIA:  
LE CINÉMA DU PEUPLE.**



Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí  
<http://anarquistas-pi.blogspot.com.br>

Impresso em 2014

Cinema, educação e anarquia: *Le Cinéma du Peuple* / Trabalho apresentado no *I Encontro Nacional de Ficção Discurso e Memória: literatura, cinema, gêneros digitais e outros gêneros*. São Luís-MA, 2014. Autor: Alexandre Wellington dos Santos Silva.

## SUMÁRIO

PREFÁCIO DO AUTOR .....	07
INTRODUÇÃO .....	08
A CRÍTICA ANARQUISTA AO CINEMA.....	09
A EXPERIÊNCIA DO CINÉMA DU PEUPLE .....	15
INSTRUÇÃO E RESISTÊNCIA: O CINEMA COMO FERRA- MENTA DE EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO .....	18
CONCLUSÃO .....	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	21

*Este trabalho propõe expor o desenvolvimento do Cinéma du peuple, uma cooperativa cinematográfica anarquista iniciada em Paris no ano de 1913. Para isto, faz-se necessário compreender as causas que possibilitaram a criação desta, uma vez que ela cumpria a dupla tarefa de ser uma ferramenta na instrução entre operários e crianças, assim como era uma resposta direta à produção cinematográfica até então desenvolvida. Desta forma, abrange os conceitos de memória e constrói uma perspectiva de História social do cinema. O trabalho se subdividirá em tópicos que confluem diretamente com o exposto acima: Discorrerá primeiramente a crítica anarquista ao cinema da época, apresentando as denúncias feitas pelos libertários em seus jornais e panfletos, observando o caráter lúdico do cinema, distanciando-se assim da função emancipatória que este potencialmente possuía. Em seguida, abordará a educação segundo os anarquistas, suas considerações acerca da função que deveria possuir, desde suas perspectivas teóricas até a utilização de obras cinematográficas como ferramenta de educação entre as classes despossuídas. Adiante, tratará de discorrer a experiência do Cinéma du peuple, que conciliava os preceitos educacionais defendidos pelos anarquistas, além da produção de um cinema social, voltado para a compreensão, conscientização e instrução de crianças e trabalhadores. A conclusão trará a colaboração que o Cinéma du peuple ofereceu em sua época para o público alvo que abrangia, dentro da função instrutiva que trazia e do que produzia, assim como reflexões acerca do que este pode nos proporcionar na atualidade.*

A. Santos

## INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de pesquisas realizadas no GEAPI - Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí, através de análises interdisciplinares em Educação, História e Cultura, e tem como objetivo, além de caracterizar a sociedade que possibilitou o surgimento da cooperativa *Cinéma du peuple*, colaborar para novas pesquisas dentro do tema. Para sua criação, foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica, mapeando panfletos, jornais, artigos, monografias, dissertações, teses e livros que discorrem acerca da temática. O trabalho se divide em quatro partes principais, sendo a primeira “A crítica anarquista ao cinema”, que tratará das primeiras interações dos militantes anarquistas com o cinema; a segunda, “A experiência do *Cinéma du peuple*”, discorrendo sobre a organização desta, assim como sua gênese, desenvolvimento, produção e declínio; a terceira tem como título “Instrução e resistência: O cinema como ferramenta de educação e emancipação”, que objetiva abordar os aspectos educacionais e de instrução que foram forjados pelo *Cinéma du peuple*; e a quarta, trata-se da conclusão, observando sua continuidade fragmentada através de projetos desenvolvidos por militantes anarquistas em diversas áreas, até a atualidade.



## A CRÍTICA ANARQUISTA AO CINEMA

Em um primeiro momento de contato com o cinema, os militantes anarquistas tiveram bastante cuidado. “Não teriam as forças da lei e da ordem utilizado o cinema para identificar os rebeldes durante as lutas operárias?” (JERRY. 2009. p. 142). Uma vez registrados nos filmes, eram facilmente percebidos pelo corpo repressivo do Estado e por conta disso, sofriam as consequências geradas no embate do ativismo ácrata contra o Estado burguês e o sistema econômico capitalista. Esta postura é narrada na obra de Marinoni (2009, p.46), quando dispõe o relato de um militante anarquista durante a revolta dos viticultores em 1911. O corpo judiciário, juntamente com o exército, usou o cinema para criminalizar a insurreição popular, produzindo três películas<sup>1</sup> que, exibidas em velocidade reduzida, possibilitou a identificação de grande parte dos militantes:

O que não sabíamos ainda é que os filmes servem como agentes delatores! (...) Um operador de cinema, quando fotografou últimos acontecimentos no Marne, colocou os filmes à disposição da polícia. (...) Já que os vendedores de jornal e comerciantes de cinema são instrumentos da polícia, sejamos impiedosos, sabotemos as pessoas que nos traem, os aparelhos da Pathé, da Gaumont e outros, que hoje funcionam como alcaguetes. (MARINONI, 2009, p.46).

---

<sup>1</sup> *Une charge de cavalerie* (Uma revista da cavalaria); *L'insulte à l'armée* (O insulto ao exército); *Le pillage de la maison Gauthier* (A pilhagem da casa Gauthier)

Outra crítica das análises libertárias sobre o cinema era a sua função. Constituída principalmente para distrações, com produções encharcadas de propaganda religiosa, nacionalista ou mercantil, eram vistas como negativas, uma vez que os anarquistas idealizaram uma sociedade erigida na razão, no internacionalismo, e no comunismo (libertário), desta forma, estes três itens primeiros deveriam ser combatidos. Esta perspectiva é claramente visualizada nas palavras de Figueira (2005) quando discorre que

(...) o cinema que embrutecia era aquele cujos interesses estavam voltados aos valores da educação religiosa e da sociedade capitalista, não contribuindo para a formação do homem novo anarquista. O cinema prescrito era aquele que poderia compor a propaganda social ácrata. (FIGUEIRA. 2005, p.05).

Os mecanismos de propagação da ideia anarquista em muito já haviam crescido: Palestras, comícios, jornais, panfletos, escolas, e o teatro. Ante a potencialidade latente do cinema, os trabalhadores se organizaram e montaram a cooperativa *Cinéma du peuple*.

### **A EXPERIÊNCIA DO CINÉMA DU PEUPLE**

O *Cinéma du peuple* não foi a primeira investida de militantes anarquistas juntamente com o cinema. Theophile Sauvage,

iminente sindicalista francês, conseguiu um cinematógrafo e filmes da Pathé, produtora de filmes franceses da época. Sauvage passou a projetar filmes já produzidos, em jornadas cinematográficas e manifestações sindicais. Os filmes tinham como temática o “antialcoolismo, neomalthusianismo, pacifismo, antimilitarismo, anticapitalismo, pansindicalismo” (MUNDIM, 2012. p.02).

Gustave Gauvin desenvolve em 1911, o “*Cinéma Social*”, com exposições de películas cujas temáticas se aproximam em demasia das de Sauvage, geralmente com apresentações de filmes já produzidos por empresas, como a Gaumont e Éclair.

Em outro dado momento, Émile Kress juntamente com o anarquista Henri Antoine produzem o primeiro filme realizado fora das empresas, o *Porquoi La guerre*, uma obra antimilitarista.

Porém, foi durante o Congresso da Federação Revolucionária Anarco-Comunista que surge a ideia de uma organização que tenha como fim a criação e exibição de obras fílmicas que venham a colaborar com a instrução proletária e popular. A partir de um memorando policial, é possível observar que “na conclusão do congresso anarco-comunista, foi anunciado que um comitê seria formado com a finalidade de assegurar uma câmera filmadora para os propósitos da propaganda anarquista” (JARRY, 2010. p.143).

É com esse intuito de emancipar e reproduzir a vivência dos trabalhadores aos trabalhadores, que em 28 de Outubro de 1913,

nasce a cooperativa do *Cinéma du peuple*, “(...) uma experiência de resistência com características próprias, que pela primeira vez coloca o público como categoria central do cinema ao mesmo tempo em que insere o cinema na tradição das lutas operárias na França e em grande parte no mundo” (MUNDIM, 2012. p.04).

Seus idealizadores eram majoritariamente anarquistas, que em sua carta de fundação e princípios, asseguraram que a “empresa evitaria toda atividade e propaganda eleitoral; a nenhum dos membros seria permitido usar seu nome ou sua sede para tentar se eleger, sob pena de expulsão”<sup>2</sup> e que a mesma estaria “em comunhão intelectual com quaisquer seções do proletariado que tomassem posição baseada na luta de classes e cujo objetivo fosse acabar com a escravidão do salário por meio de uma transformação econômica da sociedade”<sup>3</sup>.

A ampliação e divulgação da cooperativa “Cinema do povo” ocorreu com mais facilidade por conta de parte de seus membros; Sebastien Faure, por exemplo, era fundador do jornal anarquista *Le Libertaire* e Gustave Cauvin, administrador do *Le Temps Nouveaux*. Quase sempre, artigos e notícias eram emitidos por estes dois jornais de ampla circulação mundial. Em uma destas matérias, percebia-se a tentativa de auto-organização do *Cinéma du peuple*, assim como suas intenções principais:

---

<sup>2</sup> JARRY, 2010. p.143

<sup>3</sup> Idem.

Nosso objetivo é fazer nossos próprios filmes. Buscar na história, na vida cotidiana, nos dramas do trabalho, temas cênicos que compensem felizmente os filmes deploráveis oferecidos todas as noites ao público operário. O antídoto está nas suas mãos, saibam escolher. (MARINONI, 2009. p.62)

Durante sua existência, o Cinema do Povo produziu as obras: *Les obsèques du citoyen Francis de Pressensé* (Funerais do cidadão Francis de Pressencé); *Victime des exploiters* (Vítima dos Exploradores); *Les misères de l'aiguille* (As Misérias da Agulha); *L'Hiver! Plaisirs des riches! Souffrances des pauvres!* (O Inverno! Prazeres dos Ricos! Sofrimentos dos pobres!); *La Commune! Du 18 mars au 28 mars 1871* (A Comuna); e *Le Vieux docker* (O Velho Estivador)<sup>4</sup>.

Nas exhibições destas obras sempre se destacava a quantidade de espectadores. Durante a apresentação de *La Comune!*, Armand Guerra, seu roteirista, não escondia a surpresa e expectativa quando declara que

O vasto salão encheu até superlotar. Mais de 2.000 pessoas estavam presentes na exibição (...). O público incluiu uma verdadeira legião de idosos que combateram pela *Commune*, que são, e permanecerão sendo, revolucionários até a morte, apesar de suas idades avançadas, porque eles ainda carregam dentro de si a imperecível inspiração da luta nas barricadas. Que

---

<sup>4</sup> Destas, apenas três foram preservadas até a atualidade, a saber: *A Comuna*, *O velho estivador* e *As misérias da Agulha*.

imagem tocante são esses velhos *Communards* ocupando os lugares na primeira fila do salão, todos aconchegados juntos, com seus cabelos brancos e seus traços enrijecidos pelas implacáveis rugas da velhice. Seus nomes circulam pelas bocas no aconchegante amontoado de espectadores, e quando a primeira leva de aplausos ecoa pelo salão, esses heróis da revolução expressam a nós sua gratidão, seus olhos cheios de lágrimas, lágrimas de consolo por ver como, ainda hoje, as pessoas de Paris lembram-se daqueles que lutaram pela liberdade e assistiram a um número incontável de seus companheiros combatentes morrerem ao lado deles, abatidos pelas balas dos soldados... Será que essas mesmas pessoas que os admiram teriam a capacidade de imitá-los? (JARRY apud GUERRA. 2010, p.148)

O declínio da cooperativa ocorre em meados de maio de 1914. A atribuição do ocorrido dá-se pelo início da Primeira Guerra Mundial, onde a conjuntura social volta-se para o combate de proporções globais, e que sufoca os principais meios de comunicação dos anarquistas; a exemplo disto, o periódico *Le Libertaire* é fechado ainda no ano de 1914. O cinema francês sofre uma brusca freada, o que possibilita o surgimento de outros polos de produção cinematográfica, como os Estados Unidos, que passa então a ter uma maior preponderância na criação e desenvolvimento de filmes.

É impossível dimensionar a influência que o *Cinéma du peuple* exerceu na mentalidade dos indivíduos e nas lutas da França durante sua existência, porém, é certo afirmar que sua in-

serção entre a classe trabalhadora era considerável, além de ser um marco da militância anarquista, pois delimita a primeira tentativa organizada dos trabalhadores em se apropriarem do cinema para fins de instrução, uma vez que “A partir do projeto do cinema do povo, percebemos que o uso do cinema, tal como ocorria com a imprensa operária, constituía em um dispositivo de luta para enfrentar a concorrência da Igreja e do Estado no processo de formação dos corações e das mentes”. (FIGUEIRA, 2005. p.7).

## **INSTRUÇÃO E RESISTÊNCIA: O CINEMA COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO.**

No título deste tópico existem quatro conceitos que gostaria de tratar em especial para a compreensão do mesmo, que são: “Instrução”, “educação”, “resistência”; e “emancipação”. Podem até parecer semelhantes, mas possuem sentidos distintos em uma análise minuciosa.

Concernente a “instrução” e “educação”, Rodrigues (1999) consegue sintetizar suas considerações acerca da temática quando declara que

Educar não é o mesmo que instruir. A instrução corresponde ao aprendizado de um ofício, atua no desenvolvimento das faculdades intelectuais, enquanto a educação atinge o homem no seu todo. Um analfabeto pode ser bem educado e um homem instruído, possuidor de títulos doutorais, universitários, um estúpido carente de educação, um incapaz diante da vida. A educação

abrange todos os setores em que o homem exerce a inteligência, a memória, a vontade, os sentimentos, o comportamento dentro do grupo, no seu meio e na sociedade. Educação envolve compreensão, tolerância, respeito mútuo, solidariedade humana; não é o ensino das palavras de espaço limitados, é o ensino pelos fatos, pela natureza, pela vida. (RODRIGUES, 1999. p.121-122)

Subtende-se então que a instrução se constitua, dentro das premissas deste anarquista luso-brasileiro, todo ato de transmitir conhecimento teórico de qualquer natureza, e educação signifique o conhecimento materializado na prática coletiva, isto é, a práxis.

No tocante à resistência, pode-se inferir seu significado como sendo

Ação, efeito de resistir, de opor-se às forças com as quais está em desacordo. Pressupõe discordância. O anarquista é um resistente à submissão, às mentiras convencionais, à desigualdade, que o tempo transformou em "religião do Estado". (...) Em síntese: Resistência anarquista era (é) não aceitar a desigualdade social, cultural, humana. (RODRIGUES, 1999. p.317).

Já observando o sentido de emancipação, este gira em torno da liberdade. Para os anarquistas, a liberdade só se funda na igualdade de todos. Mikhail Bakunin (1975) declara que



Só serei verdadeiramente livre quando todos os seres humanos que me cercam, homens e mulheres, forem igualmente livres... De modo que quanto mais numerosos forem os homens livres que me rodeiam e quanto mais profunda e maior for a sua liberdade, tanto mais vasta, mais profunda e maior será a minha liberdade... Eu só posso considerar-me completamente livre quando a minha liberdade ou, o que é a mesma coisa quando a minha dignidade de homem, meu direito humano... Reflectidos pela consciência igualmente livre de todos, me forem confirmados pelo assentimento de toda a gente. A minha liberdade pessoal, assim confirmada pela liberdade de todos, estende-se até ao infinito. (BAKUNIN, 1975. p.22-23)

Em resumo, através do *Cinéma du peuple*, a instrução partia da coordenação da cooperativa para os espectadores, e a resistência era tripla, uma vez que o cinema do povo contrariava os interesses do cinema comercial, pautava por uma instrução diferente da oferecida pela burguesia, e tinha como objetivo a ação coletiva contra as opressões sociais.

A educação ocorria em um duplo processo: Dentro da organização da cooperativa, se forjava uma práxis militante, e do contato com a coordenação e o público, o diálogo e a troca de experiências caracterizava uma mútua educação proletária. A emancipação ocorreria pela junção dos três pressupostos discorridos acima, finalizando-se na transformação social que tinha em suas bases a liberdade pela igualdade política (possibilidade de opinar sobre a realidade social de forma não-hierárquica); igualdade social (di-

reito de interferência direta nas decisões coletivas de forma horizontal); e igualdade econômica (propriedade e meios de produção dispostos de forma igual à todos os que compõem a sociedade, impossibilitando a exploração da força de trabalho alheia).

## CONCLUSÃO

O *Cinéma du peuple* teve papel essencial na instrução popular de sua época, resistindo e construindo ideias acerca de uma nova sociedade onde os trabalhadores autogerissem os meios de produção assim como suas próprias vidas (individuais e coletivas), principais ideias dos anarquistas. Pelo fluxo de pessoas que iam às apresentações das obras produzidas pela cooperativa, dá-se a noção da capacidade de conscientização política gerada através deste mecanismo de propaganda.

A experiência da cooperativa francesa marca a primeira tentativa de auto-organização dos despossuídos e a intenção de criar e transmitir suas próprias obras fílmicas, podendo ser tratada desta forma como a gênese do que posteriormente ficou conhecido como História social do cinema.

Suas aspirações, depois da primeira grande Guerra, tiveram reflexos na criação do *Ciné-Schola*, em 1922, com a participação de Gustave Gauvin, produzindo também o periódico *Ciné-Schola*, que mesmo sem um recorte político definido, em suas discorre “O objetivo da Liga: Encorajar, desenvolver, realizar o emprego raci-

onal do cinematógrafo no ensino em todos os níveis” (MARI-NONI. 2009, p. 85); em 1936, o cinema anarquista será usado para conclamar militantes de todas as partes do mundo para montar *fronts* internacionalistas na batalha contra o franquismo, durante a Guerra Civil Espanhola.

Sua crítica dilacerante ao cinema clerical, mercantil, militar e burguês alcança até hoje grande parte das obras cinematográficas, sendo perceptível na obra de Brient & Fuentes (s/d. s/n), ao se referir ao cinema, declarando que “existem imagens para todas as ideias e para todas as classes sociais. Os escravos modernos confundem essas imagens com cultura e, às vezes, com arte. Recorrem-se aos instintos mais baixos para vender qualquer mercadoria”.

A repressão e a criminalização dos movimentos sociais se aportam também nas tecnologias mais avançadas; da mesma forma, as manifestações e insurreições populares se adaptaram à realidade das fotos instantâneas e dos vídeos gravados pelos mais simples aparelhos telefônicos móveis: Dessa problemática surge a tática *black bloc*, em particular a prática de cobrir o rosto para dificultar a identificação dos ativistas.

O exemplo da cooperativa reverbera, embora que de forma quase que inconsciente, na práxis militante na atualidade. As tecnologias bem mais sofisticadas que as de 1913, possibilitam a expansão do cinema social, cujas produções, realizadas por inúmeras

ros militantes de diversas partes do mundo, são exibidas em reuniões e eventos que tem por objetivo ampliar a resistência, mediante a instrução, e possibilitar a emancipação, através da práxis transformadora da educação.

O presente trabalho, além de tentar entrever a realidade vivida pelos operários franceses que participavam da cooperativa assim como a dos que iam observar as produções durante as apresentações, traz a problemática de preencher um vazio no que tangue o estudo e pesquisa da gênese, desenvolvimento, e produção do *Cinéma du peuple*, que apesar de ter cerca de 104 anos desde a sua fundação, pouco foi trabalhado por acadêmicos ou especialistas. A pesquisa não se encerra aqui. É antes um convite à novas reflexões sobre a temática, gerando novas formas de percepção da experiência vivida pela cooperativa francesa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKUNIN, Mikhail. **Conceito de Liberdade**. Lisboa: Rés Editora, 1975.

BRIENT, Jean-François & FUENTES, Victor León. **Da Servidão Moderna**. <[www.delaservitudemoderne.org/texto-po.html](http://www.delaservitudemoderne.org/texto-po.html)>. Acessado em 03.09.2014, às 17:50h

FIGUEIRA, Cristina Aparecida Reis. **O cinema do povo: Um projeto de educação anarquista (1901-1921)**. Artigo apresentado no XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina, 2005.

JARRY, Eric. **A iniciativa da cooperativa Cinéma du peuple**. In.: VERVE: Revista Semestral do NU-SOL - Núcleo de Sociabilidade Libertária. Programa de Estudos Pós Graduated em Ciências Sociais, PUC-SP. Nº 16 (Outubro 2009). São Paulo, 2009.

MARINONE, Isabelle. **Cinema e anarquia – Uma história “obscura” do cinema na França**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

MUNDIM, Luiz Felipe Cezar. **O Cinema do povo: Questões de escala para a História do cinema no movimento operário da França no começo do século XX**. Artigo apresentado na XI Semana de História – História e Interdisciplinaridades: Confluências. Goiânia, 2012.

RODRIGUES, Edgar. **Pequeno dicionário de ideias libertárias**. Rio de Janeiro: CC&P Editores, 1999.



GRUPO DE ESTUDOS ANARQUISTAS DO PIAUÍ